

DA TERRA LUSITANA À BRASILEIRA: UM ESTUDO DA LÍNGUA NACIONAL QUE SALTA DA LEITURA DE MACUNAÍMA

Thaís Cristina Vitale

RESUMO: O trabalho trata dos aspectos relativos à língua nacional que salta da leitura de *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A pesquisa aborda o tema em questão, quando se considera a língua nacional como a Língua Portuguesa que apresenta variações lingüísticas praticadas no Brasil. Ao longo do trabalho o leitor encontrará a análise de alguns aspectos sintáticos e lexicais tipicamente brasileiros, além de expressões da oralidade presentes na obra.

Palavras – chave: Mário de Andrade – Modernismo – norma padrão – língua nacional – variação lingüística – inovação – influências.

ABSTRACT: *This work deals with the aspects related to the national language that we can see in Macunaíma's reading, by Mario de Andrade. The research approaches the subject in question, when we consider a national language like the Portuguese Language, that presents linguistic variations in Brazil. Along the work, the reader will find the analysis of some sintatic and lexical aspects typically Brazilian, besides oral expressions present in the work.*

Keywords: *Mário de Andrade – Modernism – standard variety – national language – linguistic variations – innovation – influences.*

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar o tema “A língua nacional que salta da leitura de *Macunaíma*”, tomando como material de análise o livro de Mário de Andrade, autor pertencente à primeira fase do Modernismo brasileiro.

Desse modo, será feita uma abordagem acerca dos seguintes aspectos encontrados em *Macunaíma*: marcas da oralidade; desvios de sintaxe em contraposição à norma padrão; elementos que contribuem para a formação da língua nacional e vocábulos tipicamente brasileiros.

Além disso, discorrer-se-á sobre a influência que a língua nacional usada por Mário de Andrade exerce em autores posteriores a ele.

2. Análise do tema

No livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, o leitor é surpreendido logo primeiro capítulo da obra por uma linguagem “incomum”, raramente usada na tradição literária.

O “estranhamento” causado pela língua que lá encontramos deve-se ao fato de que as obras de prestígio da literatura normalmente seguem a norma padrão do idioma, ao contrário do livro citado.¹

Por muito tempo os autores utilizaram uma linguagem rebuscada, atenta às normas da gramática tradicional, sem aspectos de variação lingüística. Essa grande preocupação com a forma é facilmente percebida até o século XIX, sobretudo no Parnasianismo, movimento literário que visa ao preciosismo vocabular.²

No século XX, período em que *Macunaíma* é publicado, os padrões de arte são modificados com o surgimento do movimento modernista. Um dos principais desejos dos escritores passa a ser, então, o da expressão livre, “sem os embelezamentos tradicionais do academismo”. (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p.11-12).

A recusa ao academismo constitui um dos traços mais fecundos da primeira geração modernista, cujo interesse é destruir as convenções e também as formas eruditas.

¹ O conceito de norma padrão aqui considerado tem como base o livro **Português ou Brasileiro?**, de Marcos Bagno.

² Não queremos que o leitor pense que a preocupação com o uso da norma padrão não estará presente nos livros posteriores ao século XIX. Nossa intenção aqui é ressaltar que o cuidado com o uso da língua até esse período é muito grande, quando comparado às obras modernistas, que utilizam alguns tipos de variação lingüística.

Desse modo, os autores passam a utilizar a língua do cotidiano e não aquela idealizada pela gramática tradicional, com o intuito de aproximar arte e vida, linguagem acadêmica e oralidade.

Antonio Candido e José Aderaldo Castello enfatizam essa mudança estilística que os escritores adotam: “do ponto de vista estilístico, pregavam a rejeição dos padrões portugueses, buscando uma expressão mais coloquial, próxima do modo de falar brasileiro.” (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p. 12).

Mário de Andrade, um dos grandes representantes do Modernismo, valoriza muito a expressão coloquial em *Macunaíma*. Tal valorização está relacionada à intenção do escritor de utilizar a “língua nacional”. Acerca deste assunto Manuel Cavalcanti Proença, em seu livro *Roteiro de Macunaíma*, nos diz: “Língua nacional é essencialmente a portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos”. (PROENÇA, 1969, p. 84).

A Língua nacional que vemos em *Macunaíma* é enriquecida pela grande variação lexical que há em todo o Brasil. O escritor utiliza-se dos regionalismos ao longo do livro, como pode ser visto no primeiro capítulo, em que há duas palavras diferentes para exprimir o mesmo significado:

“[...] No mucambo se alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava”. (ANDRADE, 1997, p. 9, grifo nosso).

“Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói.” (ANDRADE, 1997, p. 9, grifo nosso).

Sobre o regionalismo presente na obra, Manuel C. Proença faz o seguinte comentário:

A linguagem de *Macunaíma* é convencional no sentido em que o autor estabeleceu um critério inicial para o seu personagem, ou seja, a fusão dos regionalismos em um todo. O herói é da nossa gente de todos os quadrantes, tem hábitos, credences, alimentação, linguagem, isentos de qualquer traço regional predominante. Incorpora sem ordem nem hierarquia as características de cultura, diferenciadas nas várias regiões brasileiras. É um herói 'desgeograficado' para usar a própria palavra do autor. (PROENÇA, 1969, p. 82).

Como vimos anteriormente, a língua nacional é “enriquecida na América, emancipada e livre”. Desta forma, teremos outros elementos que a constituirão, como desvios de sintaxe, contribuições de vocábulos indígenas e africanos e expressões da língua oral.

O desvio da sintaxe é visto em toda a obra e caracteriza-se por erros de concordância, regência, uso dos pronomes retos e oblíquos e colocação pronominal.

Candido e Castello comentam a língua usada por Mario de Andrade:

Um renovador como Mário de Andrade começava os períodos pelo pronome oblíquo, adotava a função subjetiva do pronome se, abandonava inteiramente a segunda pessoa do singular, acolhia expressões e palavras da linguagem corrente, procurava incorporar à escrita ao ritmo da fala e consagrar literariamente o vocabulário usual. (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p. 12).

Como podemos observar no capítulo “Piaimã”, a concordância verbal não segue a norma padrão, pois o verbo no plural não concorda com o sujeito coletivo:

“Maanape deu as garrafas pra Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo do Acará pra caapora e o casal esqueceram que havia mundo”. (ANDRADE, 1997, p. 34).

Acerca da concordância verbal, Evanildo Bechara faz o seguinte comentário: “se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo” (BECHARA, 2004, p. 554).

Referindo-se à regência verbal, o autor utiliza em várias passagens a preposição “em” no lugar da preposição “a”, fato condenado pelos gramáticos tradicionais; entretanto comumente usado pelos falantes brasileiros. Tais erros podem ser observados no seguinte trecho:

“[...] Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exu diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia.” (ANDRADE, 1997, p. 43, grifo nosso)

No que concerne ao uso dos pronomes retos e oblíquos e à colocação pronominal, Mário não segue as regras da norma padrão, que diz: “a rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento” (BECHARA, 2004, p. 173).

Dessa forma, o autor emprega os pronomes retos como objeto direto e os oblíquos como sujeito, conforme é visto nas seguintes passagens:

“Meu avô, dá caça pra mim comer?”. (ANDRADE, 1997, p. 15).

“- Abra a porta pra mim entrar!”. (ANDRADE, 1997, p. 25).

“[...] Então as cunhatãs agarraram na mãe, amarraram bem ele e Macunaíma dando muitos munhecaços na barriga da bruaca...”. (ANDRADE, 1997, p. 51).

“- Caterina, Caterina! Me larga minhas mãos e vai-te embora pixaim! Sinão te dou um pontapé!”. (ANDRADE, 1997, p. 39)

“Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito”. (ANDRADE, 1997, p. 50).

Mário de Andrade, nacionalista crítico, em seu projeto de criar uma língua nacional com aspectos exclusivamente brasileiros, utilizou vocábulos provenientes das línguas indígena e africana, que enriqueceram a Língua Portuguesa falada no Brasil, tornando-a diferente da Língua Lusitana.

Haroldo de Campos, em sua obra *Metalinguagem & outras metas*, discorre sobre esse assunto:

Uma das riquezas de Macunaíma é justamente essa “fala nova” (“impura” segundo os padrões castiços de Portugal), feita de um amálgama de todos os regionalismos, mescla dos modos de dizer dos mais diferentes rincões do país, com incrustações de indigenismos e africanismos, atravessada por ritmos repetitivos de poesia popular e desdobrada em efeitos de sátira pela paródia estilística. (CAMPOS, 2004, p. 179)

A mistura idiomática é notória no capítulo VII, “Macumba”:

“Era assim. Saudaram todos os santos da pajelança, o Boto Branco que dá os amores, Xangô, Omulu, Iroco, Oxosse, a Boiúva Mãe Feroz, Obatalá que dá força pra brincar muito, todos esses santos e o sairê se acabou.”. (ANDRADE, 1997, p. 45).

Ainda que o idioma tenha recebido influências indígenas e africanas, estas referem-se somente ao léxico e não à sintaxe da língua, uma vez que os vocábulos são específicos para designar danças, comidas e animais, que são enumerados ao longo da obra.

Telê Porto Ancona Lopez discorre sobre essas enumerações:

É pois, graças à coleta de palavras que Mário de Andrade desenvolve, que **Macunaíma** pode apresentar tão freqüentes enumerações de aves, peixes, insetos ou frutas. Essas enumerações, além de válidas para a quebra do regionalismo, contribuem para a criação de ritmo de embolada, alternando sílabas longas e breves, no trecho em que se inserem. Ritmo procurado, aliás, porque o autor não usa vírgulas. (LOPEZ, 1974).

Vale mencionar que o autor emprega na obra algumas expressões tipicamente brasileiras, como é notado nos seguintes fragmentos:

“ – Si ... si ... si a boboiúna aparecesse eu ... eu matava ela!” (ANDRADE, 1997, p. 24).

“Pra que eu me banhando neles

Possa brincar com a marvada

Refletiva no espelho das águas!...”. (ANDRADE, 1997, p. 22).

“[...] e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá”. (ANDRADE, 1997, p. 9).

“Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém”. (ANDRADE, 1997, p. 9).

“[...] Morena e coradinha que-nem a cara do dia e feito dia que vive cercado de noite...”. (ANDRADE, 1997, p. 121).

Pelo exposto, vemos que Mário de Andrade serviu-se das ricas variedades lingüísticas praticadas no Brasil. A língua nacional que salta da leitura de *Macunaíma* tem como características aspectos lingüísticos provenientes de norte a sul do país. Entretanto, o autor não almejou, somente, valorizar os regionalismos, visto que:

[...] O problema primeiro não é acintosamente vocabular, é sintático. [...] O Brasil hoje possui não apenas regionais, mas generalizadas no país, numerosas tendências e constâncias sintáticas que lhe dão natureza característica à linguagem. (SCHWARTZ, 1995, p.52).

Ainda que o escritor adote a expressão “língua nacional”, sua intenção não é a de criar uma nova língua, como é possível observar em suas próprias palavras, ao se descrever em terceira pessoa: “jamais exigiu que lhe seguissem os brasileirismos violentos. Si os praticou (um tempo) foi na intenção de pôr em angústia aguda uma pesquisa fundamental.”. (SCHWARTZ, 1995, p.52).

Seu propósito ao realizar uma pesquisa tão profunda acerca do português falado no Brasil é buscar uma identidade cultural brasileira e valorizá-la: “[...] O que me interessou por

Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros...”. (LOPEZ, 1972, p. 289).

Conforme vimos anteriormente, Mário de Andrade não cria uma nova língua. Porém, como escritor culto, tem consciência de que a língua falada difere muito da escrita, que segue a norma padrão. No capítulo X, Pauí-Pódole, ele reflete um pouco sobre esse assunto: “Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito.”. (ANDRADE, 1997, p. 64).

O renomado lingüista Marco Bagno discorre sobre a diferença entre língua escrita e língua falada:

A diglossia fica bastante clara na relação entre língua escrita e língua falada. A norma-padrão, como já vimos, sempre esteve muito associada à *língua escrita literária clássica*, a um conjunto de regras gramaticais fixadas a partir do século XVI. A incapacidade dessa norma-padrão clássica conservadora (principalmente por se inspirar na *língua escrita em Portugal*) de atender às necessidades de expressão, comunicação e interação dos brasileiros é a grande responsável pela inegável diglossia que existe entre nós. Falamos o português do Brasil, com suas múltiplas variedades, mas não reconhecemos valor à nossa língua materna, consideramos ela inferior à língua dos portugueses. Por isso na hora de escrever tentamos (nem sempre com sucesso, como foi visto aqui) obedecer regras que não têm correspondência em nossa gramática intuitiva, de *falantes nativos* do português do Brasil.³ (BAGNO, 2005, p. 164).

Ernani Terra, em seu livro *Linguagem, Língua e Fala*, também comenta sobre essa diferença:

“Embora a linguagem falada seja muito mais largamente utilizada que a linguagem escrita (é só lembrar que a maioria de seus atos de comunicação são realizados através da fala; os realizados através da linguagem escrita são infinitamente menores), as teorias gramaticais tradicionais sempre se basearam nesta, por considerar que ela possui um aspecto mais permanente que aquela. Os antigos romanos já diziam: “*verba volante; scripta manent*”, isto é, *as palavras voam, aquilo que está escrito permanece*”. (TERRA, 1997, p. 13).

No capítulo IX, Carta pras Icamiabas, o autor se vale da língua escrita para fazer uma paródia. Mário de Andrade parodia a famosa Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de

³ A respeito de diglossia, consultar o capítulo 8 do livro **Português ou Brasileiro?**, de Marcos Bagno.

Caminha. Enquanto esta narra um lugar primitivo a um civilizado, aquela descreve a civilização às amazonas. Pode-se notar neste capítulo o processo de carnavalização, pela inversão dos papéis sociais: Caminha súdito, escreve ao rei de Portugal; Macunaíma, imperador, dirige-se às índias:⁴

“Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar ou afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu...

[...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas...”.⁵

“Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom”.

[...] Ci guarde a Vossas Excias. Macunaíma, Imperator. (ANDRADE, 1997, p. 57).

Diante de todas as discussões feitas neste trabalho, vemos que Mário de Andrade, com sua versatilidade e seu espírito renovador, inova a Literatura Brasileira, já que valoriza o prosaico e busca, incansavelmente, a identidade nacional dos brasileiros. Ele rompe com a norma padrão, a fim de aproximar o leitor do autor. Antônio Cândido e José Aderaldo Castello afirmam:

“À prosa de ensaio, Mário levou a mesma liberdade, contribuindo para quebrar a solenidade e fazer dela um instrumento flexível e vivo, aproximando o leitor do autor, o que foi, de modo geral, uma conquista definitiva dos modernos”. (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p. 29).

De acordo com o que já foi mencionado neste trabalho, a tradição literária geralmente segue a norma padrão da língua. Às vezes, quando se vale de uma linguagem mais próxima do falar brasileiro, isola este tipo de variante por meio de aspas, o que demonstra o afastamento do narrador culto em relação à personagem caracterizada como menos favorecida lingüística, cultural, financeira e socialmente.

⁴ O conceito de carnavalização aqui considerado tem como base as idéias de Mikail Baktin.

⁵ Estes fragmentos foram colhidos em OLIVIERI, A. C. e VILLA, M. A. (orgs.) **Cronistas do Descobrimento**. Edição Especial. São Paulo: Ática/Fundação Nestlé de Cultura; Brasília/Ministério da Cultura, 1999, p. 29-34.

Tal postura preconceituosa em relação à língua não é vista em *Macunaíma*, já que o autor eleva à condição de literária a linguagem que durante muito tempo foi condenada pelo universo acadêmico.

A atitude inovadora do autor frente aos estudos da língua exercerá grande influência sobre outros escritores, como João Guimarães Rosa, que também valoriza a Língua Portuguesa falada no Brasil, com suas variações lingüísticas.

3 – Considerações finais

O estudo minucioso acerca da língua nacional, a partir da leitura de *Macunaíma*, nos fez perceber o quão diversa é a Língua Portuguesa falada no Brasil. Os regionalismos e a sintaxe aqui praticados são inúmeros, fato que faz com que a língua seja variada proporcionalmente à extensão territorial do país.

Apesar de conhecer essas variantes, temos arraigado um preconceito lingüístico, que nos leva a julgar erradas as construções que fogem à norma padrão do idioma. Porém, nos esquecemos de que toda língua apresenta variação e que nenhuma pessoa fala da mesma maneira, haja vista que essa variação depende de alguns fatores, como região (variação diatópica); classe social (variação diastrática) e formalidade da situação (variação diafásica).

Dessa forma, vemos que nem nós, professores e pesquisadores, nem os gramáticos falamos sempre da mesma maneira. Portanto, como professores de Português, devemos ensinar a língua de um modo crítico, de forma a não transmitir aos alunos que tudo encontrado na gramática é uma verdade absoluta e incontestável.

Após a leitura de *Macunaíma*, pudemos compreender que, na realidade, o importante é usar a língua como um veículo de comunicação para tornar comum aos outros o nosso pensamento e não como um instrumento de exclusão social.

Referências bibliográficas

a- Obras de Mário de Andrade

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 30ª ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997.

b- Obras sobre Mário de Andrade

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. Mário de Andrade. In: **Presença da literatura brasileira III. Modernismo**. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma**: A margem e o texto. São Paulo: Hucitec/Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1974.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

c- Obras gerais

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?**: um convite à pesquisa. 5ª ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. Mário de Andrade: a Imaginação Estrutural. In: **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. [1a reimpressão da] 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LOPEZ, Telê porto Ancona et al. **BRASIL: 1º Tempo Modernista –1917/29 – Documentação** IEB/USP, 1972.

OLIVIERI, A. C. e VILLA, M. A. (orgs.) **Cronistas do Descobrimento**. Edição Especial. São Paulo: Ática/Fundação Nestlé de Cultura; Brasília/Ministério da Cultura, 1999.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-Americanas**: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp, 1995.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.